



Os dilemas éticos e o jornalismo de qualidade na narrativa de Caco Barcellos¹

Caio Cardoso de QUEIROZ²
Iluska Maria da Silva COUTINHO³

RESUMO

As discussões sobre os limites éticos do jornalismo no Brasil nem sempre têm a merecida atenção, em especial no meio profissional. Apesar disso, alguns jornalistas se destacam por estimular, no exercício profissional, discussões sobre o que deve ou não ser feito na prática diária. Esses dilemas estão no trabalho de Caco Barcellos e ele os explicita em seus textos e matérias. Envolvido com a defesa dos Direitos Humanos, Barcellos se tornou um profissional de referência pela qualidade de sua produção, nos livros *Rota 66* e *Abusado*, e na coordenação de um formato novo de jornalismo em TV, no *Profissão Repórter*. A partir de uma reflexão sobre o(s) conceito(s) de ética e sua importância na construção do jornalismo de qualidade, pretendemos refletir sobre a presença dessa temática no trabalho deste profissional.

Palavras-chave:

Dilemas éticos; jornalismo de qualidade; Caco Barcellos

Introdução

Durante a prática diária do jornalismo, os profissionais se veem colocados frente a diversos dilemas éticos. Desde a investigação dos dados presentes na pauta até a publicação, sem contar a própria seleção da pauta que coloca em evidência determinadas temáticas e oculta outras, muitas são as situações delicadas nas quais o profissional pode ser confrontado com desdobramentos ainda não conhecidos da realidade apurada. A conduta da pessoa que recebe, desenvolve e converte a pauta em produto jornalístico e a forma pela qual esse profissional levará aquele tema ao debate social se torna um dos pontos em destaque na execução da matéria jornalística.

Este fazer jornalístico é, portanto, uma somatória de atos em que os profissionais envolvidos enfrentam diariamente conflitos éticos e devem lidar com eles para que os diferentes destinatários daquelas mensagens possam ter acesso a um jornalismo com bom nível. Esse “jornalismo de qualidade” pode ser caracterizado a partir de algumas referências do estudo da área, como Michael Schudson e Nelson Traquina.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Estudante de Graduação 4º. período da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista do Programa de Educação Tutorial - Seseu/MEC.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora.



A partir de uma conceituação sobre o que é o fazer jornalístico de qualidade e a preocupação ética envolvida nesse processo, podemos analisar como esses problemas são colocados dentro do discurso jornalístico

A partir de uma conceituação sobre o que é o fazer jornalístico de qualidade e a preocupação ética envolvida nesse processo, podemos analisar como esses problemas constituem-se parte do discurso jornalístico de autoria de um profissional de reputação reconhecida que é Caco Barcellos, vencedor de mais de vinte prêmios por reportagens especiais e documentários para televisão, dentre os quais o *Vladimir Herzog* e o *Jabuti*.⁴

Seu trabalho é fortemente marcado por uma narrativa diferenciada em livros-reportagem que caracterizam a existência recorrente da consciência social do autor e de sua defesa dos Direitos Humanos. Esse tipo de posicionamento, posteriormente, pode ser percebido também no programa da TV Globo que surge de um projeto de Barcellos e aborda o fazer jornalístico, o Profissão Repórter.

Através de um jornalismo investigativo de qualidade reconhecida pelo público e pelos profissionais do meio, Barcellos se tornou um profissional modelo por sua postura ética e qualidade no trabalho feito. Na defesa por valores dos Direitos Humanos, ele publicou em 1993 o livro-reportagem ‘Rota 66’, no qual ele conta a história de um esquadrão da PM paulista que atuou entre as décadas de 70 e 90 com práticas de tortura e perseguição de suspeitos. Com este livro, foi premiado com o Premio Jabuti de melhor livro de não-ficção do ano.

Em 2004 voltou a ganhar o Premio Jabuti pelo livro ‘Abusado – o Dono do Morro Dona Marta’, que narra a história de Juliano VP, codinome usado no livro para falar de Marcinho VP, um conhecido traficante carioca. Neste outro livro, Caco mostra o desenvolvimento de noções como a de cidadania entre os moradores da favela, evidenciando a pobreza, as péssimas condições de higiene, a brutalidade policial e a desesperança dos moradores.

Em seu trabalho literário, Barcellos sempre se envolveu com temáticas relacionadas à defesa dos Direitos Humanos em áreas com situação social desfavorável. As denúncias contidas nos livros passaram também por uma documentação de seu processo de trabalho, desde as dificuldades de apuração em alguns momentos até as

⁴ Caco Barcellos ganhou o Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos humanos em 1982, 1983, 1984, 1996, 2001 e 2003. Além disso, ganhou o prêmio Jabuti de melhor Reportagem em 1993, com o livro Rota 66 e o prêmio de melhor Livro do ano de Não-ficção em 2003 com Abusado. Em 2003 e 2005 foi escolhido como o melhor correspondente internacional pelo site Comunique-se. O júri do mesmo site o premiou novamente em 2006 e 2008 como o melhor repórter da TV brasileira. Ainda em 2008, recebeu o prêmio Especial das Nações Unidas como um dos cinco jornalistas que mais se destacaram na defesa dos Direitos Humanos no Brasil.



práticas jornalísticas em seu envolvimento com a empresa e/ou com o seu público. Tanto na narrativa do Rota 66 quanto no texto de Abusado, ele traz algumas reflexões sobre como os jornalistas se colocam frente a determinadas situações de conflitos.

Sobre o envolvimento de Caco Barcellos na documentação do fazer jornalístico, em 2006 foi criado o ‘Profissão Repórter’ como quadro do Fantástico, da TV Globo. Em 2008 o programa ganhou horário fixo na grade da emissora e busca trazer não somente os fatos a quem assiste ao programa (através da múltipla abordagem de um mesmo tema por várias equipes), mas também todo o caminho e as dificuldades de jovens profissionais na atuação em casos específicos e complexos. No programa, o repórter experiente, Barcellos, orienta os jovens jornalistas durante a execução das matérias, mostrando erros e acertos no trabalho, trazendo à tona algumas discussões éticas relevantes a todas as pessoas, incluindo aí o universo jornalístico principalmente.

É através da utilização inicial de conceitos de jornalismo de qualidade que buscamos refletir acerca do modo pelo qual aparecem esses dilemas éticos jornalísticos no trabalho desse profissional, tanto em seus livros quanto em seu trabalho televisivo, e sobre a importância dessa evidenciação. Esses dilemas aparecem diariamente no fazer jornalístico e questionamentos acerca do que é ético nem sempre ganha o destaque merecido.

A ética e o profissional de jornalismo.

A ética, segundo GOMES (2004), pode ser definida como um campo filosófico que se dedica “à análise dos próprios valores e condutas humanas, indagando sobre seu sentido, sua origem, seus fundamentos e finalidades”. Sendo assim, o jornalismo é ético quando atua na busca pela maior precisão possível na apuração e divulgação desses dados, que devem ser de interesse público, tendo trabalhado a notícia da maneira mais correta e séria com suas fontes e leitores/telespectadores.

O jornalismo ético trata com respeito as fontes durante a apuração e também trabalha com os suspeitos para que não se criem condenados de antemão. O jornalista deve respeitar também o público que terá acesso a esse material. No fazer jornalístico diário, alguns profissionais ocultam, por exemplo, sua identidade ou mentem sobre sua intenção. Segundo NOBLAT (2008):

Com o pretexto de que o interesse do público está acima de tudo e de que a imprensa existe para informá-lo, jornalistas



roubam documentos, se apresentam sob falsa identidade e gravam conversas às escondidas. Jornalistas que agem assim se consideram acima da lei.

Os meios através dos quais se consegue uma notícia fazem parte daquela construção feita pelo jornalista e isso faz parte da honestidade do profissional para com o público. Se julgar superior às leis na apuração das reportagens pode incorrer em graves erros e problemas éticos. Essas atitudes são questionáveis, pois para TRAQUINA (2006) o jornalismo é

um espaço de luta política, por exemplo, em que os diversos atores políticos tentam fazer ouvir a sua voz nos meios de comunicação social. Certamente os jornalistas têm um papel importante, porque eles têm o poder de selecionar que acontecimentos vão fazer parte, ou que vão construir o noticiário, que aspectos da sociedade vão estar presentes nos meios de comunicação social.

Caracterizado como esse “espaço de luta política”, os meios de comunicação devem trazer o interesse público e deixar acontecer as discussões que a sociedade pede. O jornalista que está nesse meio deve estar consciente da “série de responsabilidades e comportamentos que devem ser associados ao profissional do campo jornalístico” TRAQUINA (2006). Dentre essas responsabilidades está a honestidade de quem elabora as matérias ou reportagens que irão ser colocadas para ser apreciadas pelas pessoas em geral.

Ao falar da ‘Arte de fazer um jornal diário’, NOBLAT (2008) questiona se “Porque sou jornalista e porque vivemos em uma democracia estou liberado para valer-me de qualquer recurso que assegure à sociedade o direito de tudo saber? Posso roubar documentos, mentir, gravar conversas sem autorização, violar leis?”. Além dos questionamentos sobre a legalidade de algumas ações na rotina do jornalismo, Noblat também diz que “Se quisermos ser mais respeitados e servir melhor ao público, devemos repensar com seriedade os fundamentos do jornalismo”. Assim se faz um jornalismo de maior qualidade, tanto para o profissional quanto para o público.

Jornalismo de qualidade

O profissional de jornalismo carrega consigo a responsabilidade da apuração correta e séria das notícias. Os diferentes conflitos éticos que surgem na sua rotina



podem afetar todo o processo de produção dessa notícia. SCHUDSON (1978, 2007, p. 123) diz que até 1920, os jornalistas que acreditavam na imparcialidade dos fatos e tinham uma visão ingênua de seu próprio trabalho. Somente a partir desta época, foi que começou a ganhar corpo nos Estados Unidos as ideias que davam conta da realidade enquanto construção individual e coletiva.

Isso altera significativamente a concepção que os jornalistas tinham de seu trabalho e de como fazê-lo de maneira qualitativamente superior. As constantes discussões sobre a objetividade e sobre a imparcialidade jornalística fazem com que os estudiosos se dediquem a “sublinhar a complexidade do jornalismo e as dificuldades e desafios para o exercício da profissão. Seus limites.” (TRAQUINA, 2007)⁵. Isso acontece durante todo o tempo e tende a ser visto na prática jornalística como uma busca constante por essa objetividade na rotina do trabalho.

As práticas para um jornalismo de qualidade são citadas por MEYER (1989), como “regras pragmáticas para a objetividade”. O autor resume a regra da objetividade, dizendo que “o repórter procura adotar uma posição de ‘homem de Marte’, vendo cada exemplo como novo, não perturbado por expectativas prévias, juntando observações e passando-as adiante intocadas por interpretações”. Ele também reconhece que “isto não funciona, naturalmente”, pois o mundo é complexo demais.

Então, a partir dessa realidade complexa, o discurso jornalístico que tenha como objetivo ser construído com qualidade considerável deverá ter o máximo possível de pontos de vista colocados sobre o assunto. As subjetividades variadas dos envolvidos estarão presentes nos relatos da notícia, e quanto mais relatos diferentes (mais possibilidades), maior a chance deste jornalismo possuir uma qualidade maior. A apresentação do que Eugenio Bucci apresenta como “intersubjetividade crítica dos agentes” seria o pilar básico na construção de um jornalismo de qualidade.

Esse jornalismo que é capaz de dar voz a pessoas antes escondidas, que mostra as mais possíveis e variadas faces de um mesmo acontecimento e que é capaz de estimular pensamentos críticos nas pessoas é o jornalismo de qualidade. BECKER ao propor a construção de parâmetros para a análise de telejornais (2006) defende que algumas medidas que podem aumentar a qualidade do jornalismo praticado hoje em dia passam por pontos como “estabelecer uma nova hierarquia de valores em sintonia com o interesse público” durante a elaboração das pautas a serem apuradas. Assim, se

⁵ Entrevista concedida a Mozahir Salomão em 16 de maio de 2007. Disponível em: <http://www.dcs.pucminas.br/coreu/omundo/index.php?page=artigos/artigo-mozahir>



valoriza “menos a agenda oficial, não temendo desmentidos, se mantém independência política e multiplica as fontes.”. Já durante a apuração e na construção das notícias e reportagens, ainda segundo BECKER, é preciso “reinventar as maneiras de abordar os fatos sociais, cruzando informações e dados, criando relações entre aspectos locais, nacionais e globais nos relatos para promover a cidadania, abrindo regularmente espaço para vozes de diferentes personagens”.

Na perspectiva da autora seria aumentando a quantidade e variedade de vozes disponíveis nos produtos jornalísticos, dando a estes o embasamento necessário e a chance de tratar de temas realmente importantes e tangíveis ao dia a dia do cidadão comum que o jornalismo volta ao seu local de origem como ‘espaço de luta política’, tal qual conceituado por Nelson Traquina. Assim, Um jornalismo de melhor qualidade teria essa busca constante em si, ou em outras palavras, incluiria necessariamente reflexões acerca do fazer jornalístico.

Caco Barcellos e o jornalismo de qualidade

O trabalho de Caco Barcellos se destacou pela qualidade em obras de conteúdo narrativo diferenciado em que algumas denúncias envolvendo questões de Direitos Humanos ganharam destaque. O jornalista começou sua carreira como repórter investigativo em jornais impressos no Rio Grande do Sul, seu estado de origem.

Tendo trabalhado muito tempo como repórter independente, Barcellos conseguiu executar projetos de reportagens cujos resultados foram publicados em formato de livros que obtiveram sucesso no mercado editorial e também no jornalismo brasileiro. Em 1993, publicou ‘Rota 66 - A história da polícia que mata’, mostrando a realidade de pessoas inocentes que foram mortas por policiais paulistas entre as décadas de 70 e 90. Eram trabalhadores, desempregados, com família ou sem família, pessoas normais que terminam sua vida da mesma forma, com um tiro na cabeça.

A história é contada em três partes. Na primeira Barcellos conta o caso da Rota 66 que matou três jovens de classe alta em São Paulo, na década de 80. A imprensa deu grande destaque ao caso na época. Os policiais que mataram esses garotos acharam que eles eram ladrões e que haviam roubado o fusca no qual estavam. Os militares foram ao tribunal, mas julgados inocentes. Com o decorrer do livro, ainda há o relato de várias pessoas mortas pelos mesmos policiais. Barcellos vai intercalando a



história do caso Rota 66 com a sua história, mostrando o que ele viveu na juventude e comparando a sua vida com a de outros que passaram pelo mesmo apuro. Fugindo de polícia sem motivo.

A segunda parte é dividida em sete capítulos em quase todos há o mesmo fim. A polícia que persegue o “bandido”, mata e depois o leva ao hospital para “prestar ajuda”, com o propósito de evitar a investigação na cena do crime. Na terceira parte, percebemos que os policiais matam qualquer um. Um exemplo é o assassinato de Pixote, morto debaixo de uma cama, encolhido no canto.

O autor do livro tinha o seu próprio banco de dados, criado com a ajuda de um amigo. Todas as mortes causadas pelos policiais nos supostos tiroteios eram catalogadas. O repórter ia ao necrotério todos os dias para checar os dados. A maioria dos assassinados eram negros e pardos.

O desfecho é um pouco diferente. O repórter e seu companheiro conseguem filmar os policiais maltratando as pessoas sem provas de qualquer crime, e estes são presos. Barcellos denuncia a ação dos matadores e a prisão de alguns maus policiais, que ficam longe de armas durante um bom tempo.

Em ‘Abusado’, com o pretexto de fazer uma biografia do traficante Marcinho VP (sob o codinome Juliano, no romance), Caco Barcellos mergulha no submundo do crime no Rio de Janeiro, e percebe que, em meio a uma espécie de guerra no fim do mundo, gangues rivais se digladiam, transgredindo a lei de maneira violenta, mas que ali também se realizam processos de formação da identidade, agregação coletiva e laços de sociabilidade.

O jornalista expõe a realidade do morro de maneira crua, instigando o leitor, ao escrever por meio de uma ética jornalística compreensiva, no que diz respeito ao mundo violento dos excluídos. Não se pode esperar relatos isentos de opinião nas páginas de do livro. Caco Barcelos toma partido e se posiciona claramente; o que não significa que distorça a realidade, mas a torna menos artificial, mais humana, com as diferenças tratadas de maneira profunda e sem estereótipos.

Durante mais esta obra, as questões jornalísticas são colocadas em voga. Os limites éticos do que retratar e da maneira a utilizar-se da realidade, as práticas do profissional de jornalismo expostas em momentos complicados de acesso aos locais e



mesmo da relação do jornalista com as suas fontes, na escolha por publicar ou não seus nomes. Tudo isso posto às claras, mostra ao leitor as diferentes formas que a ética pode ser encarada nesta profissão diariamente.

Esta questão do pensamento ético diário no jornalismo se coloca para o profissional independente do meio para o qual ele trabalhe. Quando mudou de meio para o qual trabalhava, Caco Barcellos carregou consigo a bagagem de opiniões e experiências com as discussões da prática jornalística. Trabalhando para a TV, fazendo reportagens de maior profundidade, surgiu a necessidade de um trabalho diferente também naquela mídia. Tem início o Profissão Repórter.

Segundo Barcellos, em entrevista concedida à revista PJ:Br⁶ em 2008, o programa Profissão Repórter surgiu de uma “necessidade de estabelecer equidade na apuração. Dar a devida ênfase a todos os atores da história, não ficar apurando como se fosse escrever um livro, [...]”. Daí surgiu a ideia de se reunir “um grupo de jornalistas, talvez três duplas, que cobrisse os acontecimentos com equidade, com equilíbrio, dando a todos os ângulos o mesmo peso, não só para a acusação, mas para a defesa também.”

O projeto surgiu no ano de 2006 como um quadro do programa Fantástico, revista eletrônica exibida nas noites de domingo pela TV Globo. Após uma temporada o “Profissão Repórter” ganhou grande destaque e voltou ao ar no começo do ano seguinte como programa piloto da emissora, exibido em um horário avançado das noites de sexta-feira. Em 2008 o programa entrou para a grade fixa da emissora devido ao grande sucesso de audiência e crítica, nessa etapa o programa exibiu, inclusive, o processo de seleção de novos participantes e expandiu sua equipe.

A importância dos trabalhos de Barcellos na reflexão sobre ética.

Assim como o trabalho do jornalista recomeça a cada dia, com a apuração de novos dados, e a avaliação sobre o que terá ou no que não destaque dentre tantos acontecimentos, a forma pela qual esses relatos ganharão as páginas dos jornais, as telas das TVs e as manchetes na web também deve ser pensada de maneira nova a cada dia. O fazer jornalístico ético e de qualidade está em evidência dia após dia na rotina corrida dos jornalistas.

⁶ A PJ:Br é uma revista ligada à Escola de Comunicação e Artes da USP destinada à Publicação Acadêmica de Estudos sobre Jornalismo e Comunicação. Esta entrevista foi concedida à Valéria Passos Kneipp e foi publicada em Julho de 2008. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/entrevistas10.htm>



Ao evidenciar tais situações dos vivenciadas pelos jornalistas ao longo de suas narrativas e produções, Caco Barcellos coloca a profissão numa posição de destaque e as suas práticas ganham contornos normalmente resguardados às redações e outros ambientes jornalísticos. A partir do momento em que o profissional exhibe seu modo de operação e sua relação com todas as discussões éticas que fazem parte da rotina de um jornalista, ele expõe a práxis profissional e mostra que tanto quanto a discussão dos fatos e dados ali publicados é importante o questionamento acerca do motivo desses dados não aparecerem de maneira evidente a todo o tempo na mídia.

Barcellos aborda problemas e costumes dos jornalistas no dia a dia de uma apuração, mostra o quão importante é o profissional de jornalismo bem instruído para o seu trabalho e como a sensibilidade de um bom jornalista faz com que as suas matérias sejam capazes de gerar bons questionamentos.

Expor os fatos que envolvem a polícia que atua como um grupo de extermínio; ou as diferentes formas que o tráfico de drogas usa pra se consolidar como forma de poder em áreas de conflito, ou mesmo os diferentes temas tratados em um programa de TV semanal tem importância na medida em que isso atua também na discussão de itens que se colocam na rotina profissional do jornalismo.

Portanto, ao pontuar todos esses casos contemplando em seu texto os ‘desafios da reportagem’, - tanto na narrativa escrita quanto na televisiva - Caco Barcellos opta por refazer a todo o instante essa discussão sobre a ética e sobre a qualidade do jornalismo ofertado. As diferentes histórias contadas têm várias formas de se mostrar; sobretudo para fazer um bom trabalho jornalístico é preciso contar com boa apuração; seriedade do jornalista - que deve ouvir a maior quantidade possível de fontes na construção daquela notícia para que ela seja o mais próxima possível da realidade – mas especialmente que o profissional seja ético. É esse jornalismo de qualidade que Caco Barcellos tenta evidenciar/ defender por meio de seu trabalho, tornando a análise de sua produção uma reflexão sobre a carreira do jornalista também importante sob o ponto de vista da ética profissional.

Conclusão

Muitas são as formas que as discussões éticas podem tomar durante o fazer jornalístico e um profissional que consiga as pensar e transpor, aplicando valores à sua prática diária, se torna um jornalista diferenciado. Os valores do jornalista não são



colocados de lado durante a sua apuração, toda a sua vivência se leva em conta na construção de uma matéria, mas seu texto vai além disso, pois passa pelo compromisso público e pela responsabilidade de dar voz às pessoas envolvidas nas histórias.

A partir do momento em que o jornalista consegue fazer seu trabalho com mais qualidade aplicando conceitos do bom jornalismo, trazendo os fatos de interesse público à tona, dando espaço e voz aos que não os tinham e constroem um jornalismo mais igualitário, este se torna um profissional diferenciado. Caco Barcellos se destaca por um bom trabalho jornalístico em diferentes veículos e sempre trouxe algumas discussões éticas que são importantes no mundo jornalístico à tona.

Como esses dilemas éticos se apresentam no discurso deste, que é um profissional modelo, se torna uma questão importante a ser destacada. O discurso dele está permeado pelos desafios de fazer jornalismo pelas páginas de Rota 66 e Abusado, além de se mostrar também com destaque no Profissão Repórter. As discussões e sugestões que ele faz se mostram de grande valia na rotina profissional, pois partem de alguém que vivencia tais dilemas diariamente. Além disso, sua abordagem ilumina alguns aspectos nem sempre evidenciados na prática e reflexão sobre o jornalismo da maneira que mereciam.

Referências Bibliográficas:

BARCELLOS, Caco : Entrevista concedida a Valéria Passos Kneipp em julho de 2008. “**A denúncia é só o começo da apuração.**” Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/entrevistas10.htm>

BECKER, Beatriz. **Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção.** 15º Encontro Anual da COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNESP-Bauru, 6 a 9 de junho de 2006

GOMES, Mayara Rodrigues. **Ética e Jornalismo.** 2.ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

GONÇALVES, Gécica Brandino. **O papel do jornalista investigativo versus ética profissional.** Universidade de Mogi das Cruzes, 2010. Mogi das Cruzes: SP. Disponível em <http://sersibardari.com.br/wp-content/uploads/2010/11/GON%C3%87ALVES-G%C3%A9ssica-Brandino-O-papel-do-jornalista-investigativo-versus-%C3%A9tica-profissional.pdf>



MORENO, Carlos Alexandre de Carvalho. **A proposta de um jornalismo político-sociológico**. In: Revista Brasileira de Estudos do Jornalismo. Ano I, nº I. Setembro de 2002. Florianópolis: SC. Disponível em: <http://www.unaberta.ufsc.br/artigo6.htm>

NEDER, Vinícius. **Reflexões teóricas sobre a prática jornalística: três conceitos**. In: Revista Icone v. 11 n. 2, 2009. Recife: PE.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 7.ed., São Paulo: Contexto, 2008.

SCHUDSON, Michael. Modelo americano de jornalismo: Excepção ou exemplo? Comunicação & Cultura, n.º 3, 2007, pp. 115-130. Disponível em: http://cc.bond.com.pt/wp-content/uploads/2010/07/03_06_Michael_Schudson.pdf

TRAQUINA, Nelson. Entrevista concedida para a Revista IHU-Online, publicada em outubro de 2006. **O jornalismo como um espaço de luta política**. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=533&secao=202

_____. Entrevista concedida a Mozahir Salomão em 16 de maio de 2007. **Nelson Traquina aponta os desafios do jornalismo**. Disponível em: <http://www.dcs.pucminas.br/coreu/omundo/index.php?page=artigos/artigo-mozahir>